

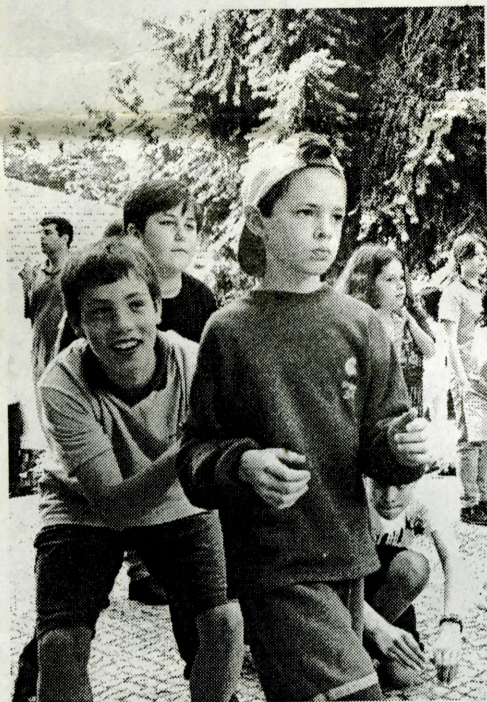
Crónica sobre fios de Ritmo, danças da Luz e outras teias

— Com Todo o Tempo do Mundo

Por Helena Rodrigues

Imagine o leitor um burburinho inco-mensurável de pensamentos, parágrafos, palavras e legendas a sobrevoarem outras ideias mais fixas que, no entanto, lá vão vingando, agarrando-se com unhas de aranha, e conseguindo arrumar-se nesta pequena crónica. Oiça este burburinho caótico, surgido do espontâneo natural visceral humano e, simultaneamente, oiça bem claro o que tenho para, providencialmente, lhe contar, mesmo que Sua Excelência fique em papalvos de aranha. Oiça-me polifonicamente: funciona a duas pistas.

Foi desta forma genuína que o espectáculo *Spidaranha*, com música de Paulo Maria Rodrigues e coreografia de António Tavares, começou no passado dia 27 de Junho no Teatro do INA (Instituto Nun'Alvres) nas Caldas da Saúde — uma produção do Centro de Cultura Musical (CCM) e da Artave (Escola Profissional Artística do Vale do Ave). No palco do Teatro do INA estavam sessenta crianças sonorizando uma aldeia africana, dançando, corporizando outros de si mesmos. Parece que dançavam ininterruptamente desde Março. Entretanto, como que por acaso, alguém abriu a porta do teatro e o público pôde penetrar, ter acesso a uma intimidade construída ao longo de vários meses de trabalho.



Cena de ensaio no exterior.

Compositor e coreógrafo quiseram que fosse assim, pois a ideia era a de sobreposição de duas "texturas sonoras": a sonoridade da entrada do público vindo da luz do dia — gente que se expressa com seus ruídos espontâneos e naturais, que se surpreende e interroga na penumbra da sala de espectáculo quando repara que, afinal, o espectáculo já começara — e a dos miúdos no palco usando diversos recursos sonoros. Caos, pessoas, caos. Como num jogo de leitura recíproca (comunicação) de ambas as partes: Que estão eles a fazer? Porque é que já começaram? Então, já se sentaram todos? Ainda não se calaram? Olha, ainda estão a entrar! Olha, fazem Música com plásticos! E tubos, solas de sapato, cântaros, sons reciclados! Nunca vi um instrumento como aquele, parecem colares de tigelas! (...)Vá, vamos começar!

Com Todo o Tempo do Mundo.

De forma a que, pouco a pouco, todos se pudessem encontrar na comunhão de uma respiração comum. De for-

ma a que, em conjunto, se encontrasse o pulsar exacto das energias humanas fluindo naquele espaço — naquele Tempo de veneração do Som e do Corpo. Para saber o tempo certo de começar a narração da história da Serra Leoa.

Detenho-me neste prólogo da obra pois julgo ser paradigmático da forma como o Paulo e o António se relacionam entre si e com o acto de Criar: como se ambos fossem companheiros numa Viagem.

Para o compositor, *"Ritmo e Movimento, Música e Corpo são parte dum Todo; por isso, em Spidaranha, o som foi concebido em estreita ligação com a acção física e o movimento. Spidaranha é uma peça sobre o Som e o Corpo. Sobre o ritmo e sobre o poder da música"*.

Para o coreógrafo (*"um bailarino luminoso"*), conforme lhe chamou Alexandra Lucas Coelho no Público de 27/6/99) a dança é *"um espaço de comunicação entre os Mundos que compõem o nosso Eu; um doce prazer de viajar, em que as pessoas são pontos de partida e de chegada; uma forma de entrar em contacto com... como se chegasses, mensageiro, com oferendas junto de uma deusa, a quem acredita poder dedicar-te; o acto de dançar é o acto de me reconhecer a mim próprio; no final, tudo parte das velhas questões existenciais e filosóficas: quem sou, donde vim, para onde vou?"*.

Quem viaja tem a alma livre ou, pelo menos, quer tê-la. Talvez por isso, tenha sido fácil a ambos deixar de lado os seus "egos criativos" deixando-se disponível para aceitar as ideias e imaginações de outros. Como se criar fosse procurar, encontrar, e reunir em puzzle peças escondidas por um deus amante de charadas. (O mesmo deus de Valéry que, ao que parece, é capaz de entregar em mão um verso ao poeta para que ele procure os restantes?).

Spidaranha não é só um espectáculo — é toda uma viagem partilhada, um percurso educativo em que se cruzam diversas histórias de vida. Não há lugar para a dilatação de egos virtuosos ou para estrelas solitárias; todos são operários de um projecto em permanente construção — simultaneamente cantores, instrumentistas, actores, bailarinos, aderecistas, inventores de fatos e fatos, co-criadores e etc. Em *Spidaranha* a música e a encenação fazem parte do mesmo gesto criativo. Gesto este que está em permanente construção dado que, de cada vez que a obra é realizada, se vai metamorfoseando de acordo com os recursos e imaginações disponíveis. É, pois, uma obra aberta em sentido lato. Uma primeira versão teve lugar em Londres, em 1997, quando o compositor, objector de consciência, cumpria o serviço cívico trabalhando com crianças emigrantes provenientes de meios sociais desfavorecidos.

Agora, nas Caldas da Saúde, os alunos mais pequeninos criaram elementos usados no texto da obra e uma banda desenhada utilizada como elemento cénico no espectáculo e na criação do

ambiente que envolve o público. Inventaram os personagens, e participaram ainda na construção de bombos e caixas de rufo. Os alunos do 5º ao 7º ano de escolaridade criaram padrões rítmicos, texturas tímbricas, inventaram sons, instrumentos, pesquisaram possibilidades de utilizar cénica e musicalmente objectos do quotidiano, criaram estruturas de composição, definiram regras de improvisação. Trabalharam também na preparação do material de divulgação e na concepção e execução da instalação que acolhe o público no átrio do teatro. Aos alunos mais velhos caberia fazer os arranjos para o quarteto de percussões que acompanha as canções da peça.

Spidaranha surge no Norte do País como resultado da conjugação de vários factores. José Alexandre Reis, director da Artave e do CCM, explica que, por um lado, ambas as instituições funcionam como um todo, sendo dedicada uma atenção muito especial aos alunos da escola primária — de tal modo que, se actualmente há cerca de 500 crianças envolvidas em programas de educação musical, a intenção é alargar no futuro esta acção a 3000 ou 4000 crianças. Por outro lado, havia a intenção de, com o apoio do Ministério da Educação / Fundo Social Europeu produzir dois vídeos que servissem como meios de divulgação e troca de experiências com outras escolas do país e estrangeiro. Acresce ainda que José Alexandre Reis pôde conhecer de perto a actividade do compositor — que no ano transacto criou a obra *"O Gigante Adamastor"* para a Academia de Santa Cecília, apresentação esta que envolveu 450 crianças em palco. *"Estas coisas — e um espectáculo destes seria bom em qualquer parte do Mundo — podem acontecer quando há apoios e as pessoas certas estão disponíveis, como foi o caso"*. Para este professor, médico, pianista e gestor de uma das mais relevantes Escolas de Música do País (mas onde estão os prémios de mérito deste País?) esta foi uma experiência com um saldo magnífico. Permitiu juntar alunos com diferentes níveis de desenvolvimento musical, motivando-os e dando-lhes a conhecer diferentes linguagens musicais e experiências artísticas inovadoras (realce-se, por exemplo, a forte componente de ritmos africanos, de rap, de improvisação, de construção de instrumentos, de dança e de construção de elementos cénicos da obra) direccionando esforços para uma criatividade que se exteriorizou num produto final. Ou seja, todo este processo deu lugar a uma profunda experiência individual e social, mediada pela excelente dinâmica humana que ambos os criadores despoletaram.

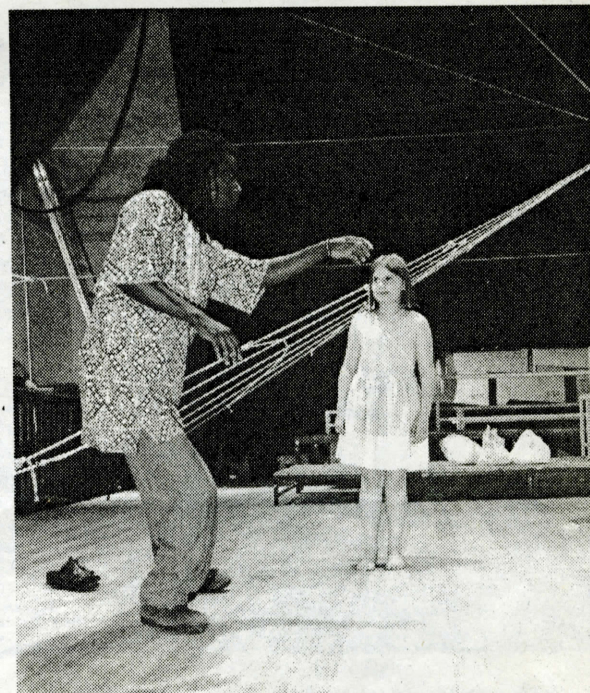
Assim falou a Marta, aluna do 4º ano de escolaridade: *"Eu faço quase tudo: faço de estátua, faço parte do jogo do princípio, faço sons com os sacos de plástico, faço o som dos grilos e na Tarentella danço como se estivesse hipnotizada; e gosto muito da festa final em que há músicas giríssimas e fazemos um acordo com o Spider. Os professores são pacientes: têm ideias mas gostam primeiro de ouvir as nossas; obrigam-nos a pensar e a ter as nossas próprias ideias."*

O Quico, de 10 anos, acrescentou que inventou para si próprio o papel de cabeleireiro da aldeia, para além de fazer de *Spider* pequenino, tocar nos ins-

trumentos do rap e andar pendurado na teia que três alpinistas o ajudaram a montar e que serve de fundo cénico à representação da obra. *"Acho muito importante fazer esta obra que é de um compositor português"*. Chegou, e disse, e depois, esta criança que em casa tem um "mini Jardim Zoológico" mas que teoricamente detesta aracnídeos

foi costurar o seu fantástico fato de aranha. No dia de estreia era de susto vê-lo pendurado na teia, assanhado, a voçiferar com silvos agudos impropérios de macaco. Ocorreu-me que, afinal, as aranhas são mamíferos cobertos de pêlos nojentos e que, quando proibidas de ir a festas, salivam viscosas com cuspe de cobra venenosa e cabras feias.

O João está no 5º ano de escolaridade e três dias por semana tem aulas de violino, formação musical e Orquestra Orff. Agora está também no *Spidaranha*, sobre o qual afirma *"gostei, achei uma peça interessante, gostava de fazer mais peças com o Professor. Tocávamos várias coisas, inventávamos instrumentos variados: tábuas com martelos, garrafas com esferas e dava um certo som, inventávamos coisas deste género. Tocávamos djembés, xilo, vasos, caixa, cântaros, cantámos, houve umas aulas em que cada um inventava: fizemos os grilos com casca de noz, fio de*



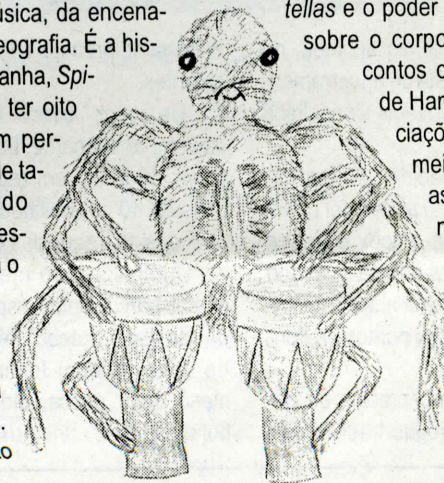
Cena de ensaio no palco: Bailarina e coreógrafo.

linha enroscada, metade de um palito e com o dedo faz-se tratra. Foi uma ideia engraçada, uma descoberta, nós nunca pensámos que os vasos com baquetas de xilofone iam dar sons bonitos, fixes. Nunca tínhamos imaginado. Quando for grande e tiver filhos já posso explicar aos meus filhos as dúvidas que eles tiverem. Acho que vale a pena fazer a peça e que quem vai assistir vai gostar, acho que está bem feita, é um tipo de peça diferente, vamos andar em cima de teias, há muitos solistas, e é rap."

Enfim, uma experiência que marcou toda a Escola e com a qual compositor e coreógrafo se declaram muito enriquecidos. Agora, aguarda-se que o vídeo produzido seja amplamente distribuído pelas Escolas e entidades culturais. Há motivos para nos juntarmos aos *Spiders*, a essa aldeia da Serra Leoa e, neste Portugal encantado, fazermos todos uma festa! Resta enviar e aceitar convites.

A história de Spidaranha

Spidaranha é uma peça de música cénica para crianças. Baseia-se num conto tradicional africano que foi contado aos alunos que participaram no projecto e que serviu de ponto de partida para um trabalho criativo com as crianças, ao nível do texto, de partes da música, da encenação e da coreografia. É a história duma aranha, *Spider*, que por ter oito patas era um percussionista de talento fora do vulgar. Nas festas da aldeia o *Spider*, a *Querida* e os *Miúdos* garantiam a reinação. Mas o talento musical, c o m o



Spidaranha: desenho de um aluno do 4.º ano do INA.

frequentemente sucede, era igualado por um apetite voraz e os *Spiders*, com a habitual falta de maneiras que caracteriza os aracnídeos, comiam tudo o que havia, e não se diz o quê, porque estômagos mais sensíveis ao lerem este texto poderiam ficar incomodados. Adiante. Um dia excederam-se de tal forma que até mesas e cadeiras fizeram parte da ementa. Isto obviamente não agradou ao resto das

pessoas que resolveram dar-lhes uma lição. Só que o *Spider* é uma aranha com manha e muitos truques no pelo... Bom, para não estragar a surpresa diga-se só que, após algumas situações conflituosas de que não se vai falar agora, mas que implicam *Tarentellas* e o poder que a música tem sobre o corpo (a fazer lembrar contos como *"O Flautista de Hamelin"*), após negociações complicadas, ci-meiras e essas coisas assim, que aparentemente não são exclusivas dos humanos, o contencioso fica resolvido, tudo acaba bem e ainda bem.

Apresentada pelo Centro de Cultura Musical de Caldas da Saúde com a

colaboração da Artave, a peça inclui muitos instrumentos de percussão, instrumentos pouco usuais e que foram o resultado da pesquisa e criação dos alunos. No passado dia 27 de Junho, no Teatro do Instituto Nun'Alvres nas Caldas da Saúde, sessenta crianças estiveram em palco e cantaram, tocaram, dançaram, fizeram rap e muitas outras coisas de que ninguém estava à espera.